

Por toda a parte

Em todo o mundo se está observando um desencadear de refinados ódios da classe burguesa contra o operariado. As reivindicações dos trabalhadores e ao desenvolvimento da sua mentalidade, bem como à noção clara do seu valor, opõem os representantes do capitalismo internacional uma violenta pressão, disposta-se a esmagar pela força todos os gestos dos exploradores.

Em cada país essa atitude apresenta características próprias. Nuns, o processo mais singular—o de repressão absoluta—mas também de resultados negativos. Noutros, e que não demonstra mais inteligência, o cerceamento de liberdades é feito por conta-gotas, afim de evitar maiores revoltas.

De qualquer das formas, porém, vislumbra-se com nitidez qual o desejo dos altos potentados da finança, da indústria e da agricultura, e exactamente porque se sabe de antemão os seus intuições é que os grandes conflitos se estão desenrolando; as lutas tremendas entre o espírito liberal e o conservador se intensificam dia a dia, atingindo já o extremo-oriente e de toda esta grande questão latente entre a humanidade algo de proveitoso haverá.

Este avanço avança essa mole misérvil, refugiando-se nos seus bas-fonds. A valorização do escudo trouxe igualmente a crise de construções da capital. Aumentando a população era natural que aumentasse o número de habitações.

Mas não sucedeu assim. O número de construções não tem acompanhado o acréscimo da população. Poucos prédios, relativamente, têm sido construídos.

Depois, muitas das construções estão paralisadas.

Por razões que não cabem aqui

OS TRESPASSES

Considerações preliminares sobre a negociação vergonhosa da cedência de casas de habitação feita por alguns indivíduos sem escrúpulos

Diz a sabedoria das nações que não há efeito sem causa. Assim é no que se refere aos trespasses. Os trespasses são efeito de uma causa; e falta de casas é o efeito de uma maior causa: a propriedade privada.

Mas como não é função destes artigos dissecar o regime de propriedade privada, mas sómente combater uma das suas consequências—os trespasses—

O trespass, como já dissemos, encontrou admirável campo de acção desde que, sobre Lisboa, caiu a população das cidades e aldeias, accossada pela crise de trabalho, numa palavra, pela miséria humana.

Especialmente depois que a crise de trabalho abriu brechas na economia do operariado, Lisboa é o porto de salvamento. Lisboa é mais industrial, é mais comercial. Logo será mais fácil uma colocação.

E sobre Lisboa avança essa mole misérvil, refugiando-se nos seus bas-fonds.

A valorização do escudo trouxe igualmente a crise de construções da capital. Aumentando a população era natural que aumentasse o número de habitações.

Mas não sucedeu assim. O número de construções não tem acompanhado o acréscimo da população. Poucos prédios, relativamente, têm sido construídos.

Depois, muitas das construções estão paralisadas. Por razões que não cabem aqui

essas obras estão embargadas. Algumas delas ficaram em mais de meio. Não se concluem, nem podem concluir-se porque há processos pendentes que correm pelos respectivos tribunais. E enquanto o pleito não for decidido a obra não se concluirá e, algumas, dezenas de pessoas continuaram privadas de abrigo.

Percorrendo a enorme vereda das causas particulares da insuficiência de habitações urbanas, vamos ainda encontrar na demolição de algumas casas, por efeito do aforreamento da cidade, outros motivos para proliferarem os agentes de trespasses.

Esta situação determina, contra todos os princípios de higiene, a aglomeração de inúmeras pessoas em acanhados compartimentos, sem ar, sem luz, sem uma segurança de alegria e de vida.

Conhecemos casas, verdadeiras esplanadas, que são habitadas por vinte e mais pessoas. Na mesma dependência co-habita um adulto e crianças.

Qual será a educação dessas crianças tendo ante os seus inocentes olhos um espetáculo degradante?

Como se formará o espírito dessas crianças cercadas por um ambiente de miséria moral?

ASSINEM Os mistérios do Povo

AS CASAS DE "PREGO"

Os empregados prestamistas vão reclamar do governo a remodelação do regulamento sobre o exercício do comércio de penhores

Os empregados das casas de penhores, conforme noticiámos, reuniram-se ontem para apreciar o regulamento do decreto que regula o exercício do comércio prestamista. Do que foi essa reunião, vamos dar aos leitores uma ideia, o mais imparcial possível, deixando para amanhã os comentários a algumas afirmações feitas na sessão, que colidem com a nossa atitude nessa campanha.

As 22 horas o vasto salão da Associação dos Caixeiros, que ainda se encontra em obras, na parte destinada à reunião estava apinhado de assistentes. Discutiu-se animadamente o assunto e em voz baixa convenceu-se que a casa tal já demitiu os seus empregados e que o prestamista tal dispensaria de fechar a porta.

Meia hora depois Raul Silva, em nome da comissão de empregados que tem tratado o assunto, declarou aberta a sessão, explicando à assembleia que a reunião tem por fim estudar a melhor forma de defender a situação do pessoal das casas de penhores.

Convida em seguida para presidir à sessão José Carmo, da direcção da Associação dos Caixeiros, que a assembleia recebeu com uma salva de palmas.

Os secretários serviram José Dias Carvalho e Henrique José de Almeida.

Foi-lhe em primeiro lugar Raul Silva, que considerou gravoso para o comércio prestamista o regulamento do decreto sobre penhoras. Em seu entender o referido regulamento é causa da morte das casas de penhores.

Há abusos que convém reprimir. Mas nunca reprimir ao ponto de inutilizar uma industria que emprega centenas de pessoas.

Os empregados são forçados a obedecer a remodelação do regulamento do decreto sobre penhoras, não por ele combater os patrões prestamistas, mas por dar causa à morte de um comércio onde ganha o pão muita gente.

As Caixas de Crédito Popular não podem admitir os empregados que sejam detidos nas casas que encerram. São muitas as pessoas empregadas nessas casas e são poucas as Caixas. Logo não seria possível colocar todos os despedidos.

A comissão dos desempregados pensou pedir ao governo a colocação daqueles nos vários serviços públicos. Mas a ideia foi posta de parte por inexequível.

Portanto, agora os empregados reúnidos devem pedir a remodelação do regulamento. Se a não se conseguir teremos a morte do comércio prestamista.

Nas correntes políticas, especialmente na liberal, também ela é criticada, devendo o governo sofrer um forte ataque no decorrer da sua apreciação no parlamento.

De qualquer forma, o acto do governo inglês não agrada a muitos milhões de criaturas que não de portadas as formas elevar o seu protesto contra uma pretensão inútil.

E af está como existindo em toda a parte o mesmo desejo contra o operariado, também da mesma forma e em toda a parte o operariado resiste às prepotências que lhe são dirigidas.

Acaba de chegar o n.º 52 desta novela intitulado *La hija del verdugo*, de Federico Montenay. Preço, \$50.—Pedidos à administração de A Batalha.

Se amanhã nós convocássemos um concurso de mutuários, tenho a certeza de que unanimemente seriam defendidas casas par-

ticularas de empréstimo sobre penhoras, porque as casas do governo não só avaliam por menor valor os objectos como ainda não aceitam roupas nem calcado usado.

Esta é a mais poderosa razão dos empregados, na defesa da remodelação do regulamento sobre penhoras.

Seguiu-se Dário Nívora, presidente da Associação dos Caixeiros. O orador manifestou o seu respeito pela forma como os empregados das casas de penhores se fizeram representar nesta reunião e tem algumas palavras de elogio ao redactor de *A Batalha*, autor da campanha sobre prestatistas, embora divirja do seu critério.

Explica a seguir qual foi a atitude da direcção da Associação dos Caixeiros no caso: Sento procurado por uma comissão de empregados das casas de penhores que lhe vieram manifestar o desejo da referida entidade intervir na questão defendendo determinado ponto de vista, de harmonia com o seu desejo, que era o desejo da classe operária, elaborou uma representação que dirigiu ao sr. ministro das Finanças.

Dessa representação discordou *A Batalha*, aduzindo razões num artigo que publicou.

Porém, o fim da Associação dos Caixeiros era defender a situação dos empregados no comércio. E como infelizmente este não pode dispensar a casa de penhoras particular—visto que as do Estado não prestam o suficiente—a Associação defendeu a existência do comércio prestamista.

Depois, não havendo facilitado na colocação dos empregados nas casas do Estado e não podendo estes morrer de fome, defendemos na representação «que se suavizassem certas restrições contundentes do regulamento ou decreto prestamista».

Houve da parte da direcção da Associação dos Caixeiros uma única intenção: defender os desejos dos empregados prestamistas.

Concorda com a campanha de *A Batalha*, fazendo votos para que ela vá mais longe.

Augusto Dias propõe que se aproveasse a moção que está sobre a mesa, o que se faz imediatamente. Antes de encerrar a sessão o presidente, num curto discurso, manifesta a sua satisfação pela forma elevada como decorreu a sessão e sente que, por vezes, as classes laboriosas se vejam na contingência de, para defender os seus interesses ameaçados, terem que defender os interesses daqueles que sempre as têm explorado.

Práticas neo-maltusianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas..... \$50
A peste religiosa..... \$50
A liberdade..... \$50
A internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

Práticas neo-maltusianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas..... \$50
A peste religiosa..... \$50
A liberdade..... \$50
A internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

Práticas neo-maltusianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas..... \$50
A peste religiosa..... \$50
A liberdade..... \$50
A internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

Práticas neo-maltusianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas..... \$50
A peste religiosa..... \$50
A liberdade..... \$50
A internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

Práticas neo-maltusianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas..... \$50
A peste religiosa..... \$50
A liberdade..... \$50
A internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

Práticas neo-maltusianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas..... \$50
A peste religiosa..... \$50
A liberdade..... \$50
A internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

Práticas neo-maltusianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas..... \$50
A peste religiosa..... \$50
A liberdade..... \$50
A internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

Práticas neo-maltusianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas..... \$50
A peste religiosa..... \$50
A liberdade..... \$50
A internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

Práticas neo-maltusianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas..... \$50
A peste religiosa..... \$50
A liberdade..... \$50
A internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

Práticas neo-maltusianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas..... \$50
A peste religiosa..... \$50
A liberdade..... \$50
A internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

Práticas neo-maltusianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas..... \$50
A peste religiosa..... \$50
A liberdade..... \$50
A internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

Práticas neo-maltusianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas..... \$50
A peste religiosa..... \$50
A liberdade..... \$50
A internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

Práticas neo-maltusianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas..... \$50
A peste religiosa..... \$50
A liberdade..... \$50
A internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

Práticas neo-maltusianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas..... \$50
A peste religiosa..... \$50
A liberdade..... \$50
A internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

Práticas neo-maltusianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas..... \$50
A peste religiosa..... \$50
A liberdade..... \$50
A internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

Práticas neo-maltusianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas..... \$50
A peste religiosa..... \$50
A liberdade..... \$50
A internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

Práticas neo-maltusianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas..... \$50
A peste religiosa..... \$50
A liberdade..... \$50
A internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

Práticas neo-maltusianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas..... \$50
A peste religiosa..... \$50
A liberdade..... \$50
A internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

Práticas neo-maltusianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas..... \$50
A peste religiosa..... \$50
A liberdade..... \$50
A internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

Práticas neo-maltusianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas..... \$50
A peste religiosa..... \$50
A liberdade..... \$50
A internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

Práticas neo-maltusianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas..... \$50
A peste religiosa..... \$50
A liberdade..... \$50
A internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

Práticas neo-maltusianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas..... \$50
A peste religiosa..... \$50
A liberdade.....

ECOS DA REVOLUÇÃO

Fazem-se os presos

Por não ser do conhecimento da Federação Ferroviária não foram incluídos na lista que publicámos há dias os nomes dos ferroviários abaixo mencionados, que se encontram na Penitenciária de Lisboa, cuja liberdade e que organismo vai imediatamente reclarar, visto nada terem com o último movimento revolucionário.

São eles:

Raul de Oliveira Monforte, António Santos Fonseca, Ricardo Augusto Guerra, José Ferreira, António Kruger Pinto de Carvalho, José Rufino, Edalino Mendes, Artur Fernandes Madeira, Manuel da Sá e Alvaro Gonçalves Pereira. Presos em 2 de Março na Régua.

José António Teixeira e José Manuel Teixeira Caçanha. Presos em Chaves, em 7 de Março. Mario de Brito Benedito, João Mendes Ribeiro, António Nunes Magalhães, Rodolfo Pinto, Jacinto Pereira Rodrigues, e Manuel Martins Barroso. Presos em 7 de Março no Porto.

António Gonçalves Areias. Preso em 10 de Fevereiro, em Braga.

José Francisco Patarata. Preso em 12 de Fevereiro, em Tavira.

António Braga. Preso em 16 de Março, no Barreiro.

Presos deportados

Os presos políticos deportados que estavam em Loanda encontram-se em Malanje, para onde deve ser enviada toda a correspondência. Estão todos de saúde e saudam suas famílias e amigos—João de Almeida Pereira, enfermeiro; José Martins Vilas, cortador; João Lopes Soares, empregado público; António Maria, comerciante; José Dinis e José Maria Ramos, funcionários das cadeias; José Rosa, barbeiro; Francisco Gonçalves, livreiro; António Armando Moreira de Azevedo, ferroviário; António de Almeida Maia e Costa, impressor da Imprensa Nacional.

Ontem, à tarde, foi preso numa das ruas de Bairro Alto, por indicação do sr. Duarte Costa, o operário barbeiro José Angelo Prosper, sob a acusação de ter tomado parte no assalto ao jornal *Correio da Noite*, ocorrido durante o último movimento revolucionário. Encontra-se na esquadra das Mercês.

O delito dos operários que se encontram no Forte do Monsanto, arguidos do caso da Biblioteca Nacional, está previsto no Código Penal como um caso de ofensas corporais. Se assim é, porque não são enviados à Boa-Hora os referidos presos?

DESPORTOS

Atletismo

Disputaram-se no domingo no Estádio das provas de records, às quais concorreram para cima de três dezenas de atletas de vários clubes da capital. Observaram-se as seguintes classificações:

100 jardas.—1.º Guerreiro Nuno (C. I. F.), 11 s.; 2.º Belém Rodrigues (C. F. B.), 3.º Antero Varejão (C. I. F.).
300 metros.—1.º Alfredo Silveira (C. I. F.), 40 s.; 2.º Belém Rodrigues 3.º Antero Varejão. Por hora correu Xavier de Cunha, que fez o percurso em 39 s.
500 metros.—1.º Alfredo Silveira, 1 m. e 18 s.; 2.º Maquel Soares de Campos (P. A. C.), 3.º Mário Lopes (C. F. B.).
2.000 metros.—1.º António de Almeida (V. F. F. C.), em 7 m. 3 s. e 25; 2.º Manuel Dias (S. C. P.); 3.º Mário José (S. C. P.).

Ciclismo

Realizou-se no domingo a disputa da prova dos 50 quilómetros da U. V. P. A. classificação foi a seguinte:

1.º Quirino de Oliveira (C. A. de Campo de Ourique), em 1 h. e 47 m., 2º Francisco dos Santos Almeida (S. L. B.); 3.º Eduardo dos Santos (S. L. B.); 4.º João de Sousa (S. C. P.); 5.º Artur Dias Maia (G. B. I.); 6.º Alfredo de Sousa (S. C. P.); e depois, por ordem de chegada: Francisco da Silva, José Coelho Arruda, João Francisco, Frederico Bent, Abílio Lima Alberto, Manuel Dias Afonso e António Ribeiro Júnior.

Desistiram durante a corrida António Ramos Malha (S. L. B.) e dois corredores do Vitoria F. C. Foi desclassificado Vasco Casafaneira.

Futebol

O «Colo-Colo» foi derrotado no domingo pelo Vitoria por 2 a 1, tendo terminado a primeira parte por 1 a 1.

A Itália venceu Portugal, em Turim, por 3 a 1.

COLISEU

HOJE

1.ª SESSÃO, às 20,45

2.ª SESSÃO, às 22,45

PENÚLTIMO DIA

de representações da célebre e popular

opereta —

MOURARIA

FAZOS PELO ACTRIZ

Margarida Ferreira

E PELOS CANTADORES

Joaquim Campos e Julio Proenca

PREÇOS POPULARES

Camarotes a 20\$00; Fauteuils a 5\$00;

Geral a 2\$00.

NÃO HÁ LOCACÃO

SÁBADO, 23 — ESTREIA da grande companhia de Ópera Italiana de que faz parte a grande soprano lírica

— MERCEDES CAPSIR —

mitou. Continuam as prisões de comunistas e propagandistas. — L.

LONDRES, 18.—A opinião da imprensa inglesa sobre a resposta do sr. Chen, é de que não satisfaz. — L.

TIVOLI

AS 21 HORAS
A Maravilha Cinematográfica, como concepção e realização

FAUSTO

UM FILM ACCLAMADO EM TODO O MUNDO
Super-produção da U. F. A. de Berlin

REALIZADOR:

F. W. Murnau

INTERPRETES PRINCIPAIS:

Emil Jannings — Gösta Ekman

Camilla Horn — Yvette Guilbert

O REI DO ESPAÇO

(AVVENTURE DUM AVIADOR)

COMÉDIA EM CINCO PARTES COM

VIRGINIA LEE CORBIN,

HELEN FERGUSSON e o aviador

AL WILSON

DOIS DOCUMENTARIOS

Orquestra sob a direcção do maestro

NICOLINO MILANO

EFEMÉRIDES

19 de Abril

1506.—São assassinados em Lisboa, seis mil cristãos novos. E foram assassinados para maior honra e glória de Deus...

1560.—Morre Melanchton, grande sábio, discípulo e companheiro de Lutero na reforma protestante.

1708.—É concedido o privilégio para a máquina de voar, chamada *Passatola*, ao padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, o «Voador».

1734.—Perseguido pelo tribunal do Santo Ofício, foge para Inglaterra, Francisco Xavier de Oliveira.

1908.—Inaugura-se em Lisboa o primeiro congresso nacional do Livre Pensamento, promovido pela Associação do Registo Civil.

1913.—O tribunal de Versailles absolve o sindicalista Lamarre, acusado de «delito de greve».

1919.—Organiza-se a secção lisboense da Associação de Classe dos Operários da Companhia União Fabril.

1925.—Na Turquia são condenados à morte os chefes da revolta kurda.

1934.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1935.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1936.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1937.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1938.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1939.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1940.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1941.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1942.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1943.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1944.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1945.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1946.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1947.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1948.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1949.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1950.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1951.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1952.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1953.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1954.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1955.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1956.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1957.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1958.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1959.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1960.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1961.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1962.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1963.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1964.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1965.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1966.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1967.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1968.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1969.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1970.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1971.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1972.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1973.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1974.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1975.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1976.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1977.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1978.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1979.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1980.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1981.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1982.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1983.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1984.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1985.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1986.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1987.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1988.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1989.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado em Lisboa.

1990.—O presidente da Federação dos operários portugueses, António Teixeira Gomes, é assassinado

A BATALHA

Teoria do progresso Nosso inimigo é nosso amo . . . e também o que o pretende ser

Quero combater, hoje, uma opinião que certos camaradas tratam de fazer prevalecer nos meios anarquistas.

Consiste em negar, categóricamente, o progresso, ou, com mais exactidão, pretender que, enquanto a autoridade não tenha sido total e definitivamente abatida, os homens permanecerão "no mesmo ponto".

Os defensores desta opinião dizem: "Enquanto não tivermos alcançado à nossa meta—a anarquia—pela supressão de todo o regime de coacção, permaneceremos alheados dela e não daremos um só passo que nos aproxime, e o esforço a realizar para alcançá-la será matematicamente o mesmo".

Dizem mais: "Todos os governos se equalem. De onde se deduz que não devemos estabelecer entre elas diferença alguma: E,

quer se trate de monarquia absoluta, constitucional, republicana ou ditadura, todos os regimes nos devem ser absolutamente indiferentes". E terminam: "O nosso inimigo é o nosso amo. E por tal entendemos o amo que governa, no momento, mesmo, em que falamos, actuamos, trabalhamos, escrevemos, vivemos. E' por tal razão que consideramos como excelentes todos os meios que nos permitem desembocar-nos delas, e, com elas fírm, estamos prontos a aliar-nos com todos os partidos e todos os homens que, quer sejam da direita ou da esquerda, queiram, por fim, desfazer-se daqueles, ainda que estes partidos ou estes homens fossem os antigos de ontem, tendendo a converter-se nos de amanhã, ou os amos de amanhã impacientes por governar por sua vez".

Não falta muuito para que, considerando esta teoria como o próprio fundamento da doutrina e do movimento anarquista, os partidários desse absolutismo, expulsem do anarquismo a Bakunin, Eliseo Reclus, Kropotkin, Grave, Malato e Laisant (os da pre-guerra), Ramus, Rocker, Nettlau, Berthon, Malatesta, Fabri, e sem exceção, a todos os que não admitem este neo-anarquismo.

* * *

Resumí, com a nitidez e fielidade possível, a opinião que quero refutar, porque desejo discutir com plena franqueza: o equívoco e a ambiguidade não são o meu fraco.

Combatto esta opinião, por três razões:

1.º Porque é contrária à realidade dos factos;

2.º Porque é deprimente;

3.º Porque está cheia de perigos.

Desenvolverei cada um destes pontos, tratando de ser preciso e demonstrativo.

I

Teoria falsa

Antes de mais nada, afirmo que a tal teoria, negadora do progresso, é desmentida pelos factos.

E' exato que, enquanto não tivermos alcançado a metá—a Anarquia—pela supressão de todo o regime de coacção, não temos realizado o essencial, o primordial, o indispensável.

Mas, equivale isto a dizer que, sem alcançar esta metá, não é possível encurtar a distância que dela nos separam?

Quem ousaria sustentar, racionalmente, que, a pesar de tudo o que os anarquistas têm dito, escrito e feito, permanecemos sempre tão longe da metá, como há milhares, centenas, ou dezenas de anos?

Quem ousaria pretender que, as conferências, os periódicos, os folhetos, os livros, as conversações particulares, os actos de revolta inspirados pelo ideal anarquista, não tenham exercido nenhuma influência sobre o estado dos espíritos ou o curso dos acontecimentos?

Quem ousaria pretender que, estando a ideia anarquista mais difundida e melhor

compreendida em 1925 do que em 1675, e sendo os anarquistas, na actualidade, dez, vinte, cinquenta, cem vezes mais numerosos que há cincuenta anos, não haveriam, no decorrer deste último século, ganho o terreno e dado alguns passos, para diante?

Sei que o Estado, propriedade, religião, a pátria, a família, são ainda, por parte da imensa maioria, objecto de uma cega fé,

de respeito profundo e de adesão sincera.

Mas sei, também, que de geração em geração, essa fé se atenua, esse respeito diminui e essa adesão se desmorona, e não

possa admitir que essas diversas formas da autoridade sejam objecto de culto menos universal e menos fervoroso, sem admitir, ao mesmo tempo, que haja progresso.

Sei que o salariado tem consagrado a ser

vição e a exploração do assalariado; mas sei, também, que, de todos os modos, existe certa diferença entre as condições de existência e a mentalidade do assalariado actual e a do servo da idade média, e do escravo antigo, e estou convencido que essa dife

rencia estabelece uma vantagem do tra

bilhador de hoje.

* * *

O que me ensina a história, é que se re

gião, de séculos a séculos, uma luta mais

ardente e uma oposição cada vez mais nítida

entre os dois principios: autoridade e libe

ra, que se disputam a organização das

sociedades humanas.

Assim nasceu, em vez do socialismo da velha International, uma espécie de produ

to suplementar do socialismo, que com

este só tinha de comum o nome. O facto de

na Alemanha não ter havido nunca uma

democracia burguesa, como na Inglaterra e na França, fez com que a social-democ

racia se convertesse em recipiente de todos os

elementos politicamente descontentes do

país e que, no fundo, nada tinham de co

mum com o socialismo, estando simples

mente influenciada pelas ideias do parla

mentarismo burgues. Esse fenômeno ca

terístico devia precipitar o processo de

aburguesamento da social democracia e dos

partidos operários de outros países e des

tavam sob a sua influência.

Assim se desenvolveram os partidos e os

sindicatos submetidos à sua tutela espiritu

ual como partes integrantes necessárias

dos seus respectivos Estados nacionais. O

socialismo perdeu para os seus chefes, pou

co a pouco, o carácter de novo ideal decula

do e de ação chamado a liquidar a civili

zação capitalista e, como consequência,

deteve-se nas fronteiras, artificialmente

tragadas, dos diversos grupos estatais. O

interesse do Estado nacional e o interesse

do partido confundiram-nos elas cada vez

mais, até que finalmente, acostumaram-se

a considerar o mundo através das lentes

dos chamados interesses nacionais. Deste

modo, se operou a integração dos partidos

operários na estrutura estatal nacional, tal

e qual como qualquer outra instituição que

livesse por fim a manutenção e consolida

ção do Estado.

Neste estranho processo de evolução tra

cou-se menos duma consciente fração dos

chefes que de uma lenta penetração nos ru

mos sociais evolutivos da ideologia bur

guesa, integração condicionada pela nova

conformação moral dos modernos partidos

operários. Os mesmos partidos, que em

tempo se propuseram conquistar o poder

político sob a bandeira socialista, pelo

lígico férreo das circunstâncias foram redu

zidos a uma posição em que a política bur

guesa conquistou o seu anterior socialismo,

sem que em nada modificassem essa evo

lução das coisas. A parte inteligente dos

seus adeptos reconheceu uma ou outra vez

esse perigo e esgotou-se ocasionalmente em

oposições infrutíferas, de antemão conden

adas ao fracasso, porque eram feitas sim

plesmente contra algumas exscrencias do

sistema, mas não contra o próprio sistema.

Assim se converteram os partidos operá

rios socialistas, sem que as massas que os

companham tivessem dito a consciência,

em para-raios políticos para a segurança

do sistema capitalista.

A teoria que nega os estados sucessivos

que preparam, elaboram e aproximam, de

modificação em modificação, as novas for

mas de vida, é pois, uma teoria contra

à qual se levanta a comprovação dos factos

e a observação universal.

Em rigor, permitir-se-ia dizer que a evo

lução faz em favor da autoridade contra a

liberdade e que, assim, o processo histó

rico pronunciou-se contra o anarquismo.

Seria um erro, mas não um absurdo. O

que é um absurdo é declarar que não existe

progresso, nem retrocesso e que, enquanto

não se alcance a nossa meta, ficaremos no

mesmo lugar, sem um passo para deante nem

para trás, e que o esforço a realizar

permanece, matematicamente, o mesmo.

(Continua)

Sebastião FAURE

Foi publicado um decreto
proibindo a circulação
dos boatos

O boato foi contemplado com um de

creto destinado a castigá-lo e combatê-lo

ao seu completo extermínio. O referido

decreto que foi para o Diário do Governo

é do seguinte teor:

• Usando da facilidade que me confere o

n.º 2.º do artigo 2.º do decreto n.º 12.740,

de 26 de Novembro de 1926, sob proposta

dos ministros de todas as repartições, hei

por bem decretar, para valer como lei, o

seguinte:

Artigo 1.º—Os que propaguem boatos

tendenciosos, bem como os que distribuir

em conserva com os poderes quaisquer im

presos com notícias tendenciosas ou de

propaganda subversiva, serão julgados em

processo sumário nos termos do decreto

n.º 8.435, de 21 de Outubro de 1922, e

mais legislação aplicável.

Artigo 2.º—São elevados ao ônus do p

último os que se referem à referida

lei, os que se referem à referida

</